



Reflexões sobre o ensino coletivo de trombones em uma escola de música em Cabo de Santo Agostinho

Paulo Vitoriano dos Santos Júnior

Universidade Federal de Pernambuco – oiaejunior@gmail.com

Palavras-chave: Ensino Coletivo de Instrumento. Práticas Instrumentais. Trombone.

Reflections on The Collective Teaching of Trombones at a Music School in Cabo de Santo Agostinho Title of the Paper in English

Keywords: Collective Teaching of Instrument. Instrumental Practices. Trombone.

1. Introdução

Pernambuco é um estado brasileiro com uma grande quantidade de trombonistas, o que pode ser observado, por exemplo, durante o período de carnaval, quando são vistos nas ruas de Recife e Olinda em orquestras de frevo e grupos de várias formações. Entretanto, observando a quantidade de vagas oferecidas em escolas de música, percebemos que não é suficiente para o número de instrumentistas existente. Em entrevista a Santos Neto (2009) o trombonista Nilsinho Amarante relata:

[...]Recife tem muitos trombonistas. Mas muitos trombonistas só tocando... E aqui existem instituições, mas essas instituições estão lotadas, abarrotados de alunos e muita gente que podia estar estudando está fora [...] (AMARANTE, 2008 *apud* SANTOS NETO, 2009, p.93)

Uma busca por escolas de música, nas quais haja a disciplina de trombone, nos revela a existência de apenas seis (06) escolas especializadas na região metropolitana: Centro de Educação Musical de Olinda (CEMO), Conservatório Pernambucano de Música (CPM),



Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical (ETECCM), Escola Municipal de Música José Ladislau Pimentel (EMMJLP), Escola de Música Minami e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Há vários cursos “não formais” que também formam músicos no estado de Pernambuco, além de “[...] igrejas evangélicas que têm bandas musicais e criaram suas próprias escolas de iniciação musical. A mais tradicional destas é a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, onde também há o ensino de trombone”, afirma Santos Neto (2009, p. 93).

Observando esta lacuna, os professores Marcílio Batista (Orquestra Sinfônica do Recife - OSR) e Jorge Guerra (Banda Sinfônica do Recife – BSR e ETECCM) propuseram dar aulas coletivas, semanalmente, no Teatro do Parque. Essas eram ministradas para os músicos que não estavam sendo atendidos por um professor de trombone, a fim de prepará-los para um curso técnico e demais atividades artísticas. Para isso, foi criado o Grupo de Estudos do Trombone (GET). Os alunos atendidos inicialmente eram músicos que não tinham formação acadêmica, atuavam em diversos seguimentos musicais como bandas sinfônicas, bandas musicais ou marciais (escolares ou religiosas) e também como *freelances*. Além desses, participavam também alguns alunos do Conservatório Pernambucano de Música, Escola Técnica de Criatividade Musical (ETECCM), Centro de Educação Musical de Olinda (CEMO), Centro de Artes João Pernambuco (CAJP), Escola Municipal de Música José Ladislau Pimentel (EMMJLP) e Curso de Extensão em Trombone da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O GET também era integrado por alunos que buscavam formação acadêmica na graduação do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Paralelamente a tudo isso, o grupo A Trombonada¹¹, se organizava para realizar o I “DIA T”¹² em agosto de 2006 em Recife-PE, um evento que reuniu cerca de oitenta trombonistas de Pernambuco e de outros estados, com aulas ministradas pelos professores Radegundis Feitosa (UFPB) e Gilberto Cabral (Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte -

¹¹A Trombonada, grupo instrumental pernambucano, liderado por Nilsinho Amarante, que iniciou suas atividades em 2005. O seu primeiro álbum, De Madrugada, foi lançado no primeiro semestre de 2008. (Nota do Autor)

¹² “DIA T” Encontro Regional de Trombonistas, realizado anualmente na cidade do Recife. A primeira edição foi em 2006 e a última em 2012. (Nota do Autor)



OSRN). O encerramento se deu no palco do Teatro de Santa Isabel com apresentação de repertório que valorizava a música regional.

Os preparativos do “Dia T” mostraram que nem todos os envolvidos nas atividades estavam sendo orientados por professores de trombone, demonstrando algumas dificuldades técnicas e musicais com relação a respiração e leitura, pouca extensão e falta de experiência em palco.

O GET funcionou de 2006 a 2012 apenas em Recife e com pouco tempo de atuação já demonstrava seus primeiros frutos, porém ainda não estava ligado a nenhuma instituição de ensino como descreve Santos Neto (2009):

Este grupo de estudos vem formando muitos trombonistas que demonstram boa capacidade técnico/interpretativa e interesse na interpretação de obras escritas para trombone em nossa “Região”, tanto do repertório da música de concerto como do popular. Infelizmente, esse grupo não está ligado oficialmente a nenhuma instituição oficial de ensino, mas tem o apoio do grupo “A Trombonada”, do Professor João Evangelista e do Professor Mizael França. (Santos Neto, 2009, p. 93).

No ano de 2015 foi implementado o mesmo modelo de funcionamento das aulas propostas pelo GET na cidade de Cabo de Santo Agostinho. Desde então, de forma ininterrupta e com o mesmo objetivo de proporcionar aulas coletivas para trombonistas que não tinham aulas regulares do instrumento.

O projeto está sendo realizado em uma escola especializada na cidade de Cabo de Santo Agostinho e atende aos alunos e músicos amadores da comunidade como um curso de extensão. Acontece semanalmente às quartas-feiras das 17:00 às 20:00 sob minha orientação, seguindo o modelo proposto por Mario Ulloa (Tourinho, 2007, p. 263 *apud* Souza): a aulas são realizadas com portas abertas, permitindo a circulação de funcionários, alunos e professores. Essa decisão, entretanto, não foi proposital. Tal comparação se dá porque havia uma interação com a “plateia” que permitia perguntas e sugestões, como um *masterclass*.

A escola de música em questão atendeu, em 2017, ano da pesquisa, a mais de 1.000 alunos divididos em duas unidades: uma no centro da cidade e outra localizada no bairro de Ponte dos Carvalhos. A referida escola acabou de completar 40 anos de atuação e hoje oferece dois cursos, sendo um de musicalização infantil e o outro básico em música. A musicalização infantil é um curso de dois anos que recebe crianças a partir de 9 anos e todas



elas têm aulas de teoria musical, solfejo e flauta doce. A partir dos 11 anos, o curso oferecido é o básico de música que tem duração de 3 anos, sem limite de idade. Geralmente essas aulas são de 50 minutos, duas vezes por semana, em dias alternados, sendo um dia de teoria e o outro de solfejo. Os instrumentos ofertados são: bateria, flauta doce, flauta transversal, clarinete, sax alto e tenor, trompete, trombone, tuba e violão. Há também uma banda de música que representa a instituição em festividades da cidade como o desfile cívico e aberturas/encerramentos de eventos escolares. Os ensaios são às sextas-feiras à noite, compondo assim a grade de atividades semanal da escola.

A instituição representa o primeiro contato de muitos alunos com o ensino deliberado de música. Segundo Santiago, “a prática deliberada constitui-se de um conjunto de atividades e estratégias de estudo, cuidadosamente planejadas, que têm como objetivo ajudar o indivíduo a superar suas fragilidades e melhorar sua performance” (SANTIAGO 2006, p. 53 *apud* COUTO 2013, p. 232). As atividades musicais desenvolvidas nessa pesquisa tiveram como objetivo gerar uma interação entre os alunos, observar possíveis mudanças em suas práticas musicais, bem como seu progresso musical, sua autonomia nos estudos diários e sua relação direta com a música através do trombone.

A motivação da pesquisa foi dada pelo interesse na área de ensino coletivo de instrumentos, que apesar de ser comum entre os professores de trombone no Brasil, não há ainda muitos registros em artigos e estudos acadêmicos. Esse tema começa a ser pesquisado no final do século passado. Segundo Cruvinel e Leão (2003):

A partir da década de 90, pesquisas e artigos sobre o ensino coletivo em instrumentos musicais vem ganhando espaço nos encontros e seminários pelo país. Através das experiências cotidianas, da observação dos resultados positivos, da organização e sistematização de metodologias, aos poucos vem se comprovando que é possível ensinar, com eficiência, instrumentos musicais em grupo. (CRUVINEL e LEÃO, 2003, p. 326).

Ainda sobre as pesquisas desde os anos de 1990, Tourinho (2007) enfatiza a importância da criação dos cursos de pós-graduação no Brasil.

A influência dos cursos de pós-graduação brasileiros pode ser facilmente observada. Antes da existência destes cursos os ensinamentos eram de ordem extremamente prática. Embora não menos importante, caracterizou uma época voltada para o fazer musical direto. Se ainda hoje a disponibilidade da produção bibliográfica brasileira deixa a desejar, antes da criação de cursos de pós-graduação no Brasil, o material escrito disponível era mais restrito, disponível apenas para as pessoas que conviviam



com os autores e que tinham oportunidade de assistir aos cursos de formação que estes ministravam. (TOURINHO, 2007: p. 5).

Em meados de 2017 De Lima *et al* (2017) divulgaram um levantamento bibliográfico sobre trombone no Brasil. Segundo eles, “[...]conseguimos localizar 46 (quarenta e seis) trabalhos a respeito do trombone que foram escritos no Brasil[...]” (idem, 2017, p. 57). Dentre os trabalhos encontrados não há nenhum trabalho voltado para o ensino coletivo de trombones.

Diante disso, esta pesquisa busca responder a seguinte pergunta: Por que os alunos que frequentam a escola de música da cidade do Cabo de Santo Agostinho abraçam a ideia de aulas coletivas se podem ter aulas individuais?

Dentre os principais autores em que essa pesquisa se baseia estão Tourinho (2003 e 2007), Cruvinel e Leão (2003), Jacoud e Mayer (2008) e Santos Neto (2009).

Este artigo foi construído metodologicamente sob três pontos: levantamento bibliográfico, aplicação de questionário e observação participativa para investigar os motivos que trazem esses alunos a terem aulas coletivas.

O recorte da pesquisa foi feito entre setembro e dezembro de 2017 com o devido consentimento do gestor da escola e dos alunos pesquisados, também devidamente autorizados e com suas identidades preservadas.

2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa se deu por uma abordagem qualitativa. Para definir esse termo Chapoulie (1984) descreve:

[...]a observação, enquanto procedimento de pesquisa qualitativa, implica a atividade de um pesquisador que observa pessoalmente e de maneira prolongada orientações situações e comportamentos pelos quais se interessa, sem reduzir-se a conhecê-los somente por meio das categorias utilizadas por aqueles que vivem essas situações. (CHAPOULIE, 1984, p. 585 *apud* JACOUD e MAYER 2008, p. 255).

Para tal pesquisa foi utilizado o método de estudo de caso com observação participante, pois o pesquisador esteve inserido nas atividades. Fernandes (2011) descreve a definição desta técnica:

Trata-se de uma técnica de levantamento de informações que pressupõe convívio, compartilhamento de uma base comum de comunicação e intercâmbio de experiências com o(s) outro(s) primordialmente através dos sentidos humanos:



olhar, falar, sentir, vivenciar... entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto dinâmico de relações no qual os sujeitos vivem e que é por todos construído e reconstruído a cada momento. (FERNANDO FERNANDES, 2011, p. 264)

Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico. Segundo Pizzani *et al* (2012):

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (PIZZANI *et al*, 2012, p. 54 *apud* DE LIMA *et al* 2017, p. 57).

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, as referências foram coletadas através das seguintes fontes: bibliotecas virtuais, páginas de Programas de Pós-Graduação em Música, Google Acadêmico, Mendeley, entre outros. Foram pesquisados artigos, anais, periódicos, dissertações ou monografias, além de referências bibliográficas de outros trabalhos sobre ensino coletivo de instrumento. As palavras-chave usadas nas buscas foram: ensino coletivo de instrumento musical, ensino em grupo de instrumento musical, ensino de trombone em grupo e trombone.

Em seguida foram definidas as datas das aulas em que ocorreriam as observações participativas e as perguntas do questionário a ser aplicado, “tradição” das pesquisas quantitativas como diz Jacoud e Mayer (1984).

3. Descrição das atividades realizadas

As aulas foram preparadas a partir da escolha dos seguintes temas: afinação, respiração, articulação, *flurato*, tocar de ouvido e transposição, intervalos e enarmonia, rotina diária, duetos e uso de harmônicos.

Todos os encontros começaram com uma proposta básica de imitação com exercícios de alongamentos, seguidos por exercícios de notas longas, flexibilidade e estudo de escala. A imitação, segundo Tourinho (2007), promove um resultado imediato e funcional, focando no resultado:

Professores de ensino coletivo levam em consideração o aprendizado dos autodidatas, que se concentram inicialmente em observar o que desejam imitar. A imitação está focada no resultado sonoro obtido e não na decodificação de símbolos

IX Simpósio Científico da ABT- 2020



musicais. A partitura no ensino coletivo ou não está presente nas aulas iniciais, onde o trabalho é feito por imitação, ou é apresentada de forma funcional, isto é, serve para um resultado específico e imediato. (TOURINHO, 2007, p. 2).

Uma forma bastante usada e eficaz de aprendizagem é a imitação, uma prática inerente do ser humano, que segundo Tourinho (2007) ajuda no processo de aprendizagem: “pode-se argumentar em favor do ensino coletivo que o aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, a andar, a comer”.

Em geral a partitura só aparecia no segundo momento, quando o ensaio das músicas era realizado de forma deliberada e organizada segundo a proposta de Santiago (2006 *apud* Couto 2013), conforme pode ser visto no quadro abaixo:

Na música, mais especificamente na aprendizagem instrumental, podemos listar as seguintes estratégias que caracterizam a prática deliberada, a partir do que encontramos em Santiago (2006):	a) o uso do metrônomo;
	b) o estudo rítmico da peça (tanto o estudo para a compreensão dos elementos rítmicos e da maneira em que foram combinados na peça, quanto da aplicação de diferentes variações rítmicas de determinados trechos visando melhorar acentuações, adquirir velocidade, precisão, etc.);
	c) a análise prévia da obra a ser estudada;
	d) o estudo repetido de pequenos trechos da peça;
	e) o estudo silencioso e o estudo mental da peça;
	f) o estudo lento, com aumento gradual do andamento;
	g) a identificação e correção de erros;



	i) a marcação do dedilhado na partitura ¹³ .
--	---

(Quadro 1, SANTIAGO, 2006, p. 54 *apud* COUTO, 2013: p. 232)

Durante as aulas foram utilizadas três músicas de caráter diverso. A primeira delas foi *It Is Well With My Soul* de Horatio Gates Spafford (1829-1888) (Fig. 1), musicada por Philip Paul Bliss (1838-1876) e arranjada por Nick Adams, não pertence ao repertório popular do trombone, mas quando foi lida alguns identificaram a melodia de um hino evangélico. A extensão do quarto trombone é de uma décima terceira menor (Mi 1 ao Dó 3) que pode ser feito em qualquer trombone, ou seja não precisa de nenhum recurso de chave para executá-lo. O terceiro trombone explora apenas uma oitava (Mi 2 ao Mi 3) e encabeça a maioria das melodias, fato pouco usual em quartetos de trombones. O segundo trombone se estende dentro de uma décima segunda justa (Ré 2 ao Sol 3) e o primeiro trombone é o mais exigido em relação a extensão tocando dentro de uma décima quinta maior (Ré 3 ao Dó 4). Uma particularidade desta música é que todas as vozes em algum momento faz a melodia enquanto as outras se revezam no acompanhamento. As articulações mais usadas na música são os *legatos e tenutos* com dinâmicas variando entre *mezzo-piano* e *fortíssimo* e ainda alguns *crescendo* e *decrescendo*, *fermatas* e *retardando*. Durante os ensaios a maior dificuldade encontrada foi a leitura da música por ser lenta e não ter um pulso marcante.

¹³ No caso do trombone o dedilhado se lê marcação de posições. A vara do instrumento é dividida em sete posições. (Nota do Autor).



It is Well with My Soul

Philip P. Bliss
setting by Nick Adams

(Figura 1). Trecho da música *It Is Well With My Soul* de Horatio Gates Spafford (1829-1888).

A segunda música estudada foi *Eu Sei Que Vou Te Amar* de Antônio Carlos Jobim (1927-1994) e arranjo de Gilberto Gagliardi (Fig. 2). Uma música popular do cancionista brasileiro que todos do grupo conheciam e a leitura não dificultou em nada, os solos estavam concentrados no primeiro trombone e apenas na repetição da melodia principal ela era solado pelo quarto trombone. Em relação a extensão o primeiro trombone está dentro de uma décima segunda justa (Fá 2 ao Sib 3), o segundo trombone aumentada (Dó 2 ao Fá # 3), o terceiro dentro de uma décima maior (Sib 2 e Ré 3) e o quarto trombone décima terceira maior (Fá 1 ao Ré 3), as frases são marcadas com ligaduras, de forma binária (A e B) e a novidade em relação a primeira foram as casas de repetições, *sforzando* e uma harmonia cheia de dissonâncias característica do estilo da música.



EU SEI QUE VOU TE AMAR

Samba Canção

Arr:Gilberto Gagliardi

A.C. JOBIM/ V. MORAES

©2008 Gilmário Santos S.Caiada-RN

(Figura 2) (Eu Sei Que Vou Te Amar de Antônio Carlos Jobim (1927-1994) e arranjo de Gilberto Gagliardi).



A terceira e última música trabalhada no período da pesquisa foi o dobrado Sigo o Meu Caminho – Marcha de Gilberto Gagliardi (1922-2001) figura 3. Mesmo sendo a música que continha mais informações foi a mais fluente na leitura e execução, já que todos os envolvidos já executaram esse tipo de música. Forma ternária, modulação entre os tons de Fá maior, Ré menor e Sib e grande variação de articulação entre as frases com *legato* e *stacatto*, porém as dificuldades técnicas foram superadas pela identificação com o gênero musical. A extensão da música é semelhante as duas primeiras com exceção do quarto trombone que tem notas mais graves, porque a música foi composta para quarteto de trombone e o mais grave feito com um trombone baixo.

Score

Sigo o Meu Caminho
Marcha Gilberto Gagliardi

The musical score is presented in two systems. The first system includes parts for Trombone 1, Trombone 2, Trombone 3, and Bass Trombone. The second system includes parts for Tbn. 1, Tbn. 2, Tbn. 3, and B. Tbn. The music is in 2/4 time and features dynamic markings such as *f* and *mf*. The score is divided into two systems, with a repeat sign at the end of the first system.

(Figura 3) (Sigo o Meu Caminho – Marcha de Gilberto Gagliardi (1922-2001))



A culminância desta fase de ensaios foi a apresentação de encerramento do ano letivo, em que o GET teve a oportunidade de tocar em uma igreja lotada de pais, alunos, professores e autoridades do município. Na ocasião foi executada *Eu Sei que Vou te Amar* de Antônio Carlos Jobim (1927-1994) e arranjo de Gilberto Gagliardi). O grupo fez uma bela apresentação e público ficou bastante satisfeito com o resultado.

Para melhor entendimento das atividades desenvolvidas nesse período, as respostas dos questionários foram divididas em tabelas, além de quantidade de participantes nos encontros.

A primeira tabela é a de frequência de aulas. Havia 10 pessoas no grupo e em nenhuma aula estavam todos os presentes. Sobre as faltas, Tourinho (2007) retrata uma dificuldade que o professor pode enfrentar:

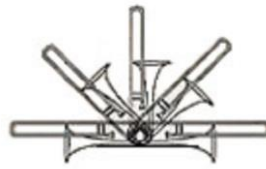
Se um estudante não comparece, os outros estarão presentes e a dificuldade passa ser administrar o progresso dos faltosos, um dos maiores fatores de desistência dos cursos. Na aula tutorial, o faltoso retoma exatamente de onde havia parado sem nenhum prejuízo, o que não acontece na aula coletiva. (TOURINHO, 2007, p. 4).

27.09.17	4
04.10.17	2
11.10.17	4
18.10.17	7
25.10.17	4
08.11.17	4
16.11.17	3 (sendo um ouvinte de flauta)*
22.11.17	7
29.11.17	4
06.12.17	5

(Tab. 1, datas dos encontros e quantidade de presentes)

Outro fator que pode ter colaborado é que uma parte do grupo é composta por estudantes, que justificavam a falta por causa de alguma atividade relacionada a escola.

Ensino fundamental completo	0
------------------------------------	----------



Ensino fundamental incompleto	0
Ensino médio completo	6
Ensino médio incompleto	3
Ensino superior completo	0
Ensino superior incompleto	1
Pós-graduação	0

(Tab. 2, nível de escolaridade)

Os componentes do GET são na maioria adolescentes ou jovens adultos, porém temos no grupo uma pessoa acima dos trinta e seis anos e outra acima dos quarenta anos.

Faixa Etária

De 15 a 20 anos	5
De 21 a 25 anos	1
De 26 a 30 anos	2
De 31 a 35 anos	0
De 36 a 40 anos	1
Mais de 41 anos	1

(Tab. 3, faixa etária)



As diferenças na faixa etária, só aumentam quando o tema é sobre o estudo de música, porém nenhum dos entrevistados havia começado a menos de um ano.

Menos de 1 ano	0
De 1 a 2 anos	2
De 2 a 4 anos	2
Mais de 4 anos	6

(Tab. 4, tempo de estudo de música)

Com um funcionamento semelhante a um curso de extensão, o GET atende músicos da comunidade e nem todos eram matriculados, confira na tabela abaixo:

Sim	6
Não	4

(Tab. 5, matriculados na escola)

A próxima tabela se refere ao tempo de estudo de música na escola, e que não necessariamente o estudante ainda está matriculado, mas quanto tempo ele estudou na instituição.

6 anos	1
4 anos	2
3 anos	2
2 anos	2
1 ano	2
Sem resposta	1

(Tab. 6, tempo de estudo de música na escola)

Outra informação importante, quando perguntados sobre o tempo em que estuda trombone ultrapassa o tempo de estudos de música. Isso acontece porque a maioria dos alunos



ingressa na música já tocando trombone na banda marcial e não consideram o aprendizado de trombone um aprendizado musical. O município do Cabo de Santo Agostinho tem tradição neste seguimento musical, somente no ano de 2018 foram disponibilizadas 32 vagas para instrutores de bandas marciais na cidade (<http://www.cabo.pe.gov.br/2018/05/22/prefeitura-do-cabo-seleciona-instrutores-de-bandas-marciais/>).

9 anos	1
5 anos e meio	1
4 anos	1
3 anos	2
2 anos	2
1 ano	1
10 meses	1
Sem resposta	1

(Tab. 7, tempo de estudo do trombone)

Dentre os pesquisados apenas dois não teve aula individual.

Sim	8
Não	2

(Tab. 8, já teve aula individual?)

Quando perguntados sobre o motivo de terem aulas coletivas as respostas foram variadas e estão aqui na íntegra.

Para melhor aperfeiçoamento e troca de conhecimento.

Para ter experiência em trabalho coletivo.

Para desenvolver, e ganhar experiência com música de câmara.

Para ter um desenvolvimento melhor.

Porque é mais fácil de tirar dúvidas com o professor e os alunos.

Para melhorar minha percepção.

Por ser mais atrativo em termos de troca de experiência e convivência com a música.

Porque é bastante proveitosa a aula, me desenvolvo melhor.

Melhorar o aprendizado.

Escolhi aulas coletivas para aprimorar e compartilhar conhecimentos com os colegas.

(Tab. 9, por que escolheu ter aulas coletivas?)



Para melhor entendimento do assunto Tourinho (2003) afirma que: “O individual no ensino em grupo também é preservado, mas o aluno têm outros referenciais que não o modelo do seu professor, e aprende a aprender vendo e ouvindo os colegas. (TOURINHO 2003, p. 52)”.

Em seguida, a última pergunta: Atualmente está fazendo ou se preparando para outro curso de música? Se sim, qual? As respostas refletem o papel dessa escola de música, que oferece um curso básico. Durante o curso se o estudante sentir a necessidade de se aprofundar nos estudos ele vai procurar um curso técnico ou até o curso de licenciatura em música.

Não	2
Sim	8 (Qual?)
	<ul style="list-style-type: none"> ● Licenciatura em música; ● Estou cursando licenciatura em música; ● Conservatório Pernambucano de Música; ● Curso técnico; ● Me preparando para o curso técnico em música do CPM ou ETECM; ● CPM. Preparatório do curso técnico e também curso do ESA (Escola de Sargento das armas); ● Preparando para o técnico no CPM (Conservatório Pernambucano de Música); ● Estou me preparando para o curso de licenciatura em música

(Tab. 10, atualmente está fazendo ou se preparando para outro curso de música? Se sim, qual?)

4. Considerações Finais:

O ensino coletivo de instrumentos musicais é bastante utilizado em projetos sociais como noticia o jornal “Agência Minas”:

Uma temática de interesse para educação musical diz respeito à ampliação de seu campo de atuação com a inserção da música em projetos sociais que hoje ocupam



um lugar de destaque nos projetos de intervenção na sociedade brasileira. (<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/> apud TOURINHO, 2007, p. 6).

Nas escolas especializadas, o ensino coletivo, é uma prática pouco utilizada em relação ao ensino individual. Aos poucos, algumas iniciativas vão surgindo. No CPM há o Coro de Trombones coordenado pelo professor Zilmar Medeiros e no ETECMR existe o GET-RECIFE coordenado pelo professor Jorge Guerra. Percebe-se que mesmo em instituições de conservatório de música existe uma possibilidade de diminuir a necessidade de atenção exclusiva ao aluno, para isso Tourinho (2007) diz que: “O mito da atenção exclusiva é bastante forte no ensino tutorial e a ele se contrapõe a crença do ensino coletivo, de que é possível compartilhar conhecimento, espaço, e que a interação e a diferença são partes importantes do aprendizado.” (TOURINHO, 2007, p. 1).

Pode haver um equilíbrio entre as modalidades de ensino individual e ensino coletivo de instrumentos e mesmo assim ser bem sucedido. Alguns participantes do GET já conseguiram ingressar nos cursos que pretendiam. Um deles passou no vestibular 2018 da UFPE para o curso de licenciatura em música e no início de Julho de 2018 outro aluno conseguiu ingressar no curso técnico do CPM e há outro que está finalizando a licenciatura em música, para tal fenômeno Tourinho (2003) afirma: “Está surgindo a geração de professores que iniciou o seu aprendizado em grupo e que transcendeu a linha da opção de lazer e se profissionalizou.” (TOURINHO, 2003, p. 52).

No semestre seguinte ao da pesquisa, um aluno conquistou o primeiro lugar no “I Concurso de Jovem Solista da Associação de Trombonistas da Paraíba¹⁴- ATPB”, no dia 31 de maio de 2018. Este resultado se deu por uma atividade realizada tanto na aula individual quanto na coletiva, nas aulas individuais questões técnicas foram trabalhadas e nas aulas coletivas os alunos serviam de plateia e também davam sugestões de interpretação da obra ao

¹⁴ Terceiro dia: Realização da final do “I Concurso Jovem Solista da ATPB” (até 18 anos de idade). Tivemos dois finalistas, Matheus Henrique, 17 anos (João Pessoa-PB) e Guilherme Oliveira, 16 anos (Recife-PE). Os candidatos foram acompanhados pelo pianista (co-repetidor) @erick.pianist. A banca examinadora foi formada pelos três professores convidados, Nathan Dishman, Manassés Malsher e Adil Silva, que escolheram o candidato Guilherme Oliveira como campeão/ Jovem Solista dessa I Edição. Parabenizamos e agradecemos aos dois candidatos pela participação e a todos os envolvidos na realização desse concurso.

Em 2019, teremos a segunda edição. Participem! Acesso em: 25/05/2018 Disponível em: https://www.instagram.com/p/BjOQugahXZ1/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1r33hi5gs0p72&r=wa1



mesmo tempo em que o incentivava para o concurso. Outro fator importante neste processo é que o aluno também teve aulas com o professor Mizael França no Conservatório Pernambucano de Música, durante o período de estudos da peça houve uma colaboração conjunta.

A aula em grupo, no ambiente da escola especializada de música, é uma forma de tirar o foco da relação professor-aluno e distribuir a atenção da aula nas pessoas presentes, assim todos aprendem com todos, Tourinho (2003) afirma:

O professor que conhece limites e possibilidades dos indivíduos e pode auxiliá-los a descobrir suas potencialidades é de fundamental importância para o ensino coletivo, por acreditar que cada um vai desenvolver-se de acordo com o seu dote, mas que todos podem aprender a tocar e a desenvolver-se musicalmente. (TOURINHO, 2003, p. 52)

Para isso, conhecer os limites dos alunos ajuda no processo de criação e desenvolvimento das aulas, permitindo que todos participem e colaborem, conforme explica Piaget (1973, 1994):

[...]a aptidão de cooperar é solidária ao desenvolvimento das operações. Porém, esse pesquisador sempre insistiu sobre a natureza ao mesmo tempo social e individual da lógica, dizendo que na medida em que as fundações do pensamento se articulam, o sujeito se torna cada vez mais apto a cooperar e a diferenciar seus pontos de vistas dos outros. (PIAGET 1973, 1994 *apud* KEBACH, 2009, p. 78)

Contudo, há um caminho aberto para o ensino coletivo de instrumentos. Permitindo que vários alunos sejam atendidos ao mesmo tempo e contribuindo assim para disseminação dessa ferramenta que atende mais instrumentistas em um mesmo lugar desde o nível inicial até o mais avançado.

5. Referências Bibliográficas:

- COUTO, A. C. N. do. **O ensino de teclado em grupo na universidade e o uso do repertório popular: aprendizagem através de práticas híbridas.** *Per Musi*, Belo Horizonte, n.28, 2013, p.231-238.
- CRUVINEL, Flávia Maria; LEÃO, Eliane. **O ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: uma experiência transformadora.** XII Encontro Anual da ABEM, 2003, p.326-333
- DE LIMA, Marlon Barros; LINHARES, Alessandra Barbosa; DA SILVA, Gilvando Pereira; DA SILVA, Mateus Ferreira. **Levantamento bibliográfico sobre trombone**



no Brasil: coleta de dados realizada até Junho 2017. XXIII FESTIVAL BRASILEIRO DE TROMBONISTAS, p. 55, 65.

FERNANDES, F. M. B. **Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante**. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. Caminhos para análise das políticas de saúde, 2011. p. 262-274. Online: disponível em www.ims.uerj.br/ccaps. Acesso em: 24/07/2018

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, p. 254-294, 2008.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmen. **A aprendizagem musical de adultos em ambientes coletivos**. Revista ABEM, Porto Alegre, V. 22, 77-86, set. 2009.

SANTOS NETO, João Evangelista dos. **O trombone na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte: levantamento histórico e bibliográfico**. 2009. 166f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUZA, Luan Sodrê de. **Ensino coletivo de instrumentos musicais: algumas considerações**. In: ENECIM, 6, 2014, Salvador. Anais... Salvador: 2014, p. 335-342.

TOURINHO, Ana Cristina G. dos Santos. **A formação de professores para o ensino coletivo de instrumento**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, XII, 2003. Anais... p. 51-57

TOURINHO, Cristina. **Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história**. 2007. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_e/Ensino%20Coletivo%20de%20Instrumentos%20Musicais%20Ana%20Tourinho.pdf>

Acesso em 20/04/2018

Link das músicas utilizadas:
<https://drive.google.com/open?id=1R8tga7pWkiBhw0PfG3TkP1hlWQA8V1F2>

